

AS HORAS E OS LIVROS EM MARIA GABRIELA LLANSOL: (RE)ESCRITAS DE UMA MEMÓRIA FUTURA

Ana Rita Souza

Universidade de Bucareste/CHAM-FCSH

(ana-rita.sousa@lls.unibuc.ro)

Resumo

A obra de Maria Gabriela Llansol (1931-2008) destaca-se na literatura portuguesa pela singularidade luminosa dos seus “reais não existentes” mas, igualmente, pelo trabalho exaustivo de reescrita dos seus textos – fato que lhe tem valido o qualificativo de hermética. Longe de um hermetismo inextrincável, a escrita de Llansol deve muito a um apurado trabalho de edição e reescrita, que hoje se torna mais evidente pela publicação póstuma dos *Livros de horas*, que é constantemente ignorado pela crítica. Neste sentido, este artigo pretende, numa primeira parte, questionar e refletir sobre o lugar destes livros na economia geral da obra *llansoliana*, relacionando a sua forma aparentemente diarística com a concepção de diário na escrita de Llansol, para, numa segunda parte, desenvolver o argumento de como o ato de reescrita é o gerador do cruzamento entre memória íntima e memória colectiva, utilizando as reflexões de Giorgio Agamben, Walter Benjamin e Susan Sontag, assim como a fortuna crítica da autora.

Palavras-chave: Escrita; Re(escrita); Caderno; Livro; Diário.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ana Rita Sousa

É doutora em Materialidades da Literatura pela Universidade de Coimbra. Foi leitora de português, cultura e literatura portuguesa na Universidade de Guadalajara (2019) e na Universidade Nacional Autónoma do México (2020-2023). Participou em inúmeros colóquios internacionais e publica vários artigos nas áreas da literatura portuguesa, literatura latino-americana e literatura comparada. Entre outros trabalhos, organizou com Mijail Lamas a antologia *Lo diria mejor el tiempo? Un siglo de poetras portuguesas* (Ciudad de México: Círculo de Poesía, 2021), coordenou e traduziu com María Auxilio Salado e Mirian Paredes *La sombra de la mulemba: cuentos africanos lusófono* (Ciudad de México: Elefanta Editorial, 2023) e editou com Paola Suarez o livro de ensaios *Português: caminhos para a didática, a linguística e as literaturas* (Ciudad de México: Instituto Guimarães Rosa, 2023). É atualmente investigadora integrada do CHAM da Universidade Nova de Lisboa e professora na Universidade de Bucareste na Roménia.



cienciavita.pt/portal/741A-6C6F-0A1C



orcid.org/0000-0001-6141-6948

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil
publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

AS HORAS E OS LIVROS EM MARIA GABRIELA LLANSOL: (RE)ESCRITAS DE UMA MEMÓRIA FUTURA

Ana Rita Souza

Universidade de Bucareste/CHAM-FCSH

(ana-rita.sousa@lls.unibuc.ro)

“Creio que os meus textos sabem muito mais; eles não estão atrás, no meu passado autobiográfico; eles estão diante de mim, no meu futuro autobiográfico”.

MARIA GABRIELA LLANSOL, *Um beijo dado mais tarde*

“Entrar no livro. Figurar no livro das questões, fazer parte dele, carregar a responsabilidade de uma palavra ou de uma frase, de uma estrofe ou de um capítulo”.

EDMOND JABÈS, *O livro das questões*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Maria Gabriela Llansol deixou-nos em 2008 com vinte e sete livros publicados ao longo de quase meio século¹. No entanto, após a sua morte, sua bibliografia não tem parado de crescer com a publicação dos *Livros de horas* que, em 2023, contam com nove volumes. Se a publicação póstuma é sempre problemática por motivos longamente discutidos para outros escritores – a vontade do autor, a fidelidade a essa mesma vontade, a pertinência de tornar públicos escritos que, em vida, o próprio não quis mostrar, no caso dos espólios, o que é que é lícito ou não publicar –, o caso de Llansol é particularmente interessante, tanto pelas idiossincrasias da sua ficção como pelas características específicas deste projeto em curso dos *Livros de horas*.

¹ Não contabilizamos aqui as várias traduções que Llansol assinou, muitas sob pseudônimo, nem as reedições integrais ou parciais de certos livros.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

A escrita *llansoliana* foi sendo apreendida pela crítica, de forma assumida ou clandestina, como um longo texto contínuo, do qual cada publicação consistiria numa peça de um quebra-cabeças maior (EIRAS, 2005, p. 535). Se uma certa continuidade semântica, assim como a sobrevida de certas figuras e paisagens, pode favorecer esta abordagem, certamente influenciada pelas “dificuldades” próprias de leitura do texto *llansoliano*, a mesma recusa, ou, no mínimo, menospreza, um dos elementos fundamentais na reflexão de Llansol: o livro. A lógica em falar de um “texto contínuo”, à qual a autora se filiou a partir de certa altura da obra, tem dificultado a abordagem de certos livros, que, por sinal, são menos estudados², assim como fomenta uma visão sinedóquica da obra que está longe de corresponder à realidade. Neste sentido, a organização, edição e publicação dos *Livros de horas* não se limitam a uma mera transcrição cronológica dos cadernos como “diários”. Neles constam, não apenas todos os cadernos, mas também outros materiais de escrita como apontamentos dispersos, fotografias, marginália de livros da autora. A sua publicação abre várias perguntas sobre alguns núcleos fundamentais da obra, sobre a relação com a escrita e, sobretudo, sobre a problemática do livro, particularmente do diário, em Llansol.

Segundo os organizadores e curadores do espólio, o “Espaço Llansol”, estes livros surgem a partir de um último desejo da autora, partilhado nos últimos meses de vida, de “(...) transcrever deles, por ordem cronológica, os textos diarísticos que iriam integrar o livro que se seguiria a *Os Cantores de Leitura*” (BARRENTO; SANTOS, 2009, p. 9). Primeiramente, é necessário salientar que, ao contrário do que se sugere, o leitor não encontrará em todos os volumes um diário com o seu convencional pacto de leitura, marcando cronologicamente o tempo e o cotidiano de quem escreve, revelando as pequenas miudezas do dia a dia, do processo de escrita ou de opiniões variadas sobre a espuma dos dias. Também não encontrará, ou não encontrará da maneira que imagina, apenas rascunhos de textos, embora eles também estejam presentes.

Isto porque, desde a publicação de *Um falcão no punho – Diário I* (1985), Llansol converteu o diário na “ficção de um diário”, como lhe chamou Eduardo Prado Coelho (1985), que, por sua vez, nos permite refletir sobre a sua forma e o seu papel fundamental como primeiro editor entre a escrita e publicação. Por este motivo, os seus editores avisam desde o primeiro volume que:

² Como exemplo poderíamos falar dos dois primeiros livros: *Os pregos na erva* (1962) e *Depois dos pregos na erva* (1972), quase sempre referidos em bibliografia, mas cuja única análise pertence a Augusto Joaquim (precisamente na segunda edição de *Os pregos na erva* (Rolim, 1989)), mas também de livros mais recentes, como *O começo de um livro é precioso* (2003). Se é verdade que, pelo menos na imprensa, cada livro teve sempre alguma ressonância, a mesma não se infiltrou, ainda, no espírito acadêmico, como bem atesta a *Llansoliana: Bibliografia Activa e Passiva (1962-2018)*, organizada pelos curadores do Espaço Llansol (2018a).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

A transcrição de textos do primeiro caderno numerado foi feita ainda com Maria Gabriela Llansol, o que nos permite ter agora indicações precisas sobre os critérios de seleção das entradas dos *Diários*, ou sobre o modo como tratar matéria que, em parte, já figura noutros livros da autora, mas que por vezes surge nos suportes de escrita originais de forma mais desenvolvida e diferentemente contextualizada. (BARRENTO; SANTOS, 2009, p. 11)

É pertinente e reveladora a escolha do termo “matéria” para referir-se aos pedaços de texto que aqui nos surgem numa primeira versão e que constituem um conteúdo ficcional. Isto porque, efetivamente, não é fácil catalogar, como é facilmente verificável ao folhear estes livros, as modificações realizadas pelos organizadores, que completaram, com notas de rodapé, e contextualizam alguns excertos já reproduzidos em outros livros, bem como algumas imagens dos manuscritos, quando transcrevem este tipo de “matéria”. Assim, a lógica dos *Livros de horas*, como se procurará expor, segue, parcialmente, o modelo do “diário”, mas acrescenta-lhe ainda mais variantes que, longe de nos sossegar a angústia própria de leitor *llansoliano*, convoca ainda mais problemas na (in)classificação desta escritora. Constituindo-se, fundamentalmente, de material inédito que nem sempre foi possível aos curadores ordenar cronologicamente ou datar com precisão, os nove volumes até agora publicados refletem extensivamente vários dos núcleos semânticos já conhecidos de Llansol, abrem-se a outros tantos, cuja publicação nunca se concretizou³, e permitem compreender como o constante trabalho de reescrita sobre a memória se assume como um dos motores principais da sua ficção. Feita esta breve introdução, este trabalho começará por discutir o conceito de “ficção de um diário”, cunhado, como já se fez referência, por um dos primeiros e maiores admiradores da escrita de Llansol, o já referido Eduardo Prado Coelho. Logo após, avançará para uma descrição sumária dos *Livros de horas*, que permita problematizar as linhas de investigação a que os mesmos convidam, e, por fim, procurará problematizar o seu lugar no grande espaço textual de Maria Gabriela Llansol.

³ Embora não seja tema de investigação deste trabalho, damos como exemplo de *O Texto-Catarina*, núcleo póstumo, publicado pelas edições do Sr. Teste em 2020, e do qual João Barrento assegura, no posfácio, tratar-se de um “núcleo autónomo e terminado”, que parece justificar a sua publicação autónoma. No entanto, “O Livro de Uriel” – livro que não chegou a sair, convive com “Livro de Joshua-Holder” - que deu origem, mais tarde, a Holder, *de Holderlin*, nas páginas do sexto volume de *Livro de Horas*. Segundo os organizadores, estes dois núcleos “acolhem a escrita preparatória”, enquanto o outro estaria, aparentemente, mais próximo da versão final.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

A FICÇÃO DE UM DIÁRIO

Sabemos que, tradicionalmente, os diários de um escritor cumprem a função de alimentar um fetiche na economia de uma obra. Publicam-se, via de regra, no caso de autores canônicos e já falecidos (tais como Kafka, Tolstoi ou Mainsfield), ou como consequência de um nicho no mercado livreiro, enquanto se aguardam novos livros. O seu público pode, inicialmente, ser o público fiel que idolatra certo autor, que deseja conhecer seu dia a dia, saber como comenta as notícias, o que tem lido, quem cozinha o jantar, dentre outros desejos. No entanto, com o passar do tempo, esse público leitor corresponde, quase sempre, a um público especializado, acadêmico ou crítico que estuda certa obra ou autor. Dificilmente o leitor comum tem hoje curiosidade pelos *Diários* de Kafka, ao passo de que qualquer acadêmico da literatura ocidental tem esse livro na estante. O diário pressupõe um abandono programado, momentâneo, da máscara ficcional. Conduz-nos do sujeito que escreve ou sujeito empírico que se senta à secretária para escrever, ajuda a iluminar certos momentos ou fatos que podem ser pertinentes para certa análise. Podem ser compreendidos como uma grande entrevista, na qual o próprio autor elaborou as perguntas.

No caso de Llansol, no entanto, tal não acontece desta forma, como sublinha Augusto Joaquim no posfácio à segunda edição de *Finita*, segundo diário publicado da autora, onde nos aparece, não a escritora ela própria, mas “uma mulher que escreve, que não é parte de nenhum fato histórico-social marcante, que não é *leader*, nem personalidade, que se pode explicar sem ela ou, melhor dito, sem o seu eu” (JOAQUIM, 2005, p. 238). Tal evidência surge na primeira entrada do primeiro diário *Um falcão no punho*, datada de 27 de março de 1979:

Tal como sou acompanhado pelos lagos - águas adormecidas naturais e duráveis -, de igual modo deve fazer parte da sombra,

que se desloca comigo,

inscrever os dias estendidos por longo período de tempo.

(LLANSOL, 1985, p. 7)

Recorde-se que, na primeira edição da Rolim, o subtítulo *Diário 1* vinha impresso na capa, algo que já não sucede nas duas edições posteriores. A inscrição na capa apelava deliberadamente a uma certa expectativa do leitor que, logo nesta primeira entrada, se via defraudada, uma vez que o sujeito que escreve se apresenta no masculino, distanciando-se, por isso, da identidade feminina que o título e o nome da escritora inicialmente prometiam. O uso do masculino não é constante, alternando com a própria voz de Llansol e de outras, mas a sua irrupção, logo na primeira página, gera desconforto ao romper o pacto autobiográfico próprio do gênero. O que aqui acontece, como se tornará evidente em livros posteriores, como

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Onde vais drama-poesia? (1998), é que Llansol “cede” a palavra ao próprio texto, procurando que o mesmo seja o sujeito da sua própria escrita. Portanto, não estamos, em sentido estrito, perante um diário de Maria Gabriela Llansol, mas do desenho de um diário do texto de Maria Gabriela Llansol, substituindo assim, uma escrita autobiográfica por uma escrita autoficcional, cujo enquadramento diarístico se procura imediatamente explicitar:

No **seu** calendário deve impor-se imediatamente a noção de noite - uma semana, um mês, um ano de noites. Sem o calendário, o fluir do tempo deve parecer-lhe incomensurável, e tornar-se um obstáculo à separação clara entre as figuras que voltam em períodos (perigos) regulares, ao mesmo ponto da abóbada. Se geralmente os meses começam com a lua nova, ela atravessa épocas em que não tem outro sonho senão o de conhecer, e todos os livros, limites e indícios da vida quotidiana lhe parecem pequenos microcosmos justapostos com o mesmo fim, ou a mesma origem. É por isso particularmente importante a organização de um calendário que traga estabilidade ao meio, e dê protecção à Casa que, com um sentido abissal, podia tornar-se o universo, e desaparecer. (LLANSOL, 1985, pp. 7-8, destaque meu)

Em vida, Maria Gabriela Llansol publicou três diários: *Um falcão no punho* (1985), *Finita* (1987) e *Inquérito às quatro confidências* (1996). Cada um deles tem um tema aglutinador, o primeiro cria chaves de leitura para a primeira trilogia, o segundo foca-se na relação entre escrita e leitura e o terceiro na relação pessoal e intelectual com o escritor e amigo Vergílio Ferreira, *o mais velho*. Por isso, esta intimidade não é revelada ao acaso: a publicação dos diários publicados, como se demonstrou noutra lugar, corresponde a uma vontade consciente de potenciar linhas de leitura possíveis aos poucos mas interessados leitores que procuravam aproximar-se da sua obra na década de 80. Efetivamente, ao rever toda a bibliografia crítica que se publicou em jornais, revistas ou suplementos literários, entre 1980 e 1985, período em que se publicaram, com grande frequência, vários dos livros fundamentais de Llansol, é fácil constatar que a edição de *Um falcão no punho - diário I* constitui um verdadeiro alívio para a crítica em geral. Quem o confessa sem pudor é o próprio Eduardo Prado Coelho⁴, em *Maria Gabriela Llansol: o texto equidistante*, publicado no *Expresso*, em 21 de dezembro de 1985:

(...) há um significativo conjunto de leitores que tem vindo a afirmar intransigentemente a qualidade e a originalidade de Maria Gabriela Llansol, e nesse grupo me incluo, mas todos nós sentíamos até hoje como que uma névoa, uma reticência, um enredamento interior a retardar o instante mágico da partilha absoluta (COELHO, 2012, p. 225)

⁴ Deve sublinhar-se que, até este texto, Eduardo Prado Coelho se referiu em várias ocasiões ao nome de Maria Gabriela Llansol, mas revelando sempre uma hesitação em avançar leituras e análises.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Folheando os jornais da época, expressões como “incremento de legibilidade” são comuns a vários críticos, entre eles, ao próprio Eduardo Prado Coelho e a Francisco Vale, que se tornará, na década seguinte, o editor de Llansol, quando a obra passa a ser editada pela Relógio D’Água. Tantos anos e livros passados, João Barrento continua a defender estes três volumes como “mais acessíveis do ponto de vista dos leitores principiantes” (BARRENTO, 2007, p. 7). Isto deve-se, não tanto ao pacto de leitura que é parcialmente quebrado, como se demonstrou anteriormente, mas ao fato de estes três diários organizarem “matéria de escrita” criteriosamente selecionada sobre os temas centrais que se desenrolam paralelamente nos livros considerados puramente ficcionais. O primeiro, através do célebre texto *Gênese e Origem das figuras*, entre outros, abre uma luz sobre a nova nomenclatura crítica necessária à análise do texto *llansoliano*; já o segundo explicita a relação entre escrita e leitura, particularmente relevante na segunda trilogia *No litoral do mundo*, que à data estava a meio da sua publicação; no terceiro, servindo-se de uma vertente mais pessoal – a relação de amizade com Vergílio Ferreira, acabado então de falecer – permite a Llansol discutir longamente o seu conceito de romance e ficção, cujos núcleos fundamentais começam a desenvolver-se após o Grande Prêmio de Romance da APE a *Um beijo dado mais tarde* (1991), e encontram-se numa série de textos escritos para revistas ou agradecimento de prêmios, incluídos na primeira parte de *Lisboaleipzig*.

Em suma, os diários constituem-se como elementos fundamentais de discussão com o público — é neles que, por exemplo, se inicia a técnica de textualizar diálogos acontecidos com pessoas no mundo real, que promovem a reflexão e interrogação sobre os caminhos do texto, técnica que marcará a construção de livros como *Ardente texto — Joshua* ou *Onde vais drama-poesia?* —, como pontos nevrálgicos de autorreflexão sobre os outros livros publicados e, ainda, como primeiros editores, no sentido primeiro do termo, que selecionam, depuram e preparam o texto a ser publicado em livro.

Antes de avançar, deve ainda sublinhar-se que, em um primeiro momento, a ideia dos diários⁵ surge em um período em que Llansol tinha muitas dificuldades de publicação, com vários livros terminados e ainda sem editor. De acordo com João Barrento, a escrita destes muitos cadernos “nunca é feita em Llansol de forma sistemática e com uma finalidade definida” (BARRENTO, 2009, p. 159). Ela intensifica-se em períodos de “crise” editorial ou quando está nas últimas versões de um livro. Em novembro de 1980, três anos após a

⁵ Refiro-me à ideia de manter um diário com alguma disciplina, que nunca é escrupulosamente mantida por Llansol. A ideia da sua publicação parece ganhar força a partir das conversas e correspondência com Casimiro de Brito, que nesses anos ajuda Maria Gabriela a conseguir financiamento para a publicação (LLANSOL, 2018, pp. 80-82).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

publicação do seu livro-fonte, e ainda sem perspectiva de ver publicados os volumes seguintes, Maria Gabriela Llansol anota o seguinte:

É a crise da não publicação dos meus livros. Estava quase no fim do texto definitivo de *Causa Amante*, e a principiar um livro em versículos, quando o aumento incessante da escrita não chegada a seu destino começou a transformar-se em motivo permanente de tristeza. Subitamente, parei a fim de que não viesse ainda a ser maior o impacto desta força sem destinatário, que apontada já se tornava perigosa; eu já tinha pressentido que quem lê vela a meu lado, e que a publicação de um livro com a sua leitura implícita é uma das artes do acolhimento. (LLANSOL, 2018, p. 26)

Como este, são vários os desabafos que preenchem os cadernos ao longo desses anos. A distância do exílio na Bélgica, que só terminará em 1985 com o regresso definitivo a Portugal, não faz mais do que aumentar a angústia e a sensação de isolamento, em uma altura onde as respostas por carta podiam tardar semanas e os telefonemas internacionais se restringiam a assuntos mais importantes. É por isso que os diários, neste ano de 1980, concretamente, não têm ainda a intenção de serem publicados:

Os diários não são para serem lidos, ou talvez só muito mais tarde; os diários são um duplo e permitem ver autor e leitor. Este diário, composto no triste e apaixonante isolamento de Herbais, permite-me o socorro de um duplo, e esperar pelo momento em que a troca tão desejada — tu dás-me o ouvido/eu dou-te o murmúrio — há de vir. (LLANSOL, 2018, p. 26)

O projeto do diário, nesta fase, começa a desenhar-se como um “duplo”, mediador entre autora e leitores, algo que se concretizará nos volumes publicados em vida. Mas, ao mesmo tempo, começa também a configurar-se como um primeiro mediador entre Llansol e os seus textos. Isso é evidente, não só nos diários publicados, mas também nos volumes dos *Livros de horas*.

AS HORAS DE CERTOS LIVROS

Como já foi referido, a abordagem por um texto contínuo tem tido a inconsciente consequência de desvalorizar o papel ontológico e textual do livro na obra de Llansol. Já no primeiro diário, lê-se a seguinte citação de Emmanuel Lévinas, transcrita em francês:

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Penso que, no grande medo do livresco, se subestima a referência *ontológica* do humano ao livro que se toma como fonte de informações, ou como um *utensílio* para aprender, como um manual, quando é, na verdade, uma modalidade do nosso ser. Com efeito, ler é manter-se acima do realismo — ou da política — da preocupação por nós mesmos, sem desembocar contudo, nas boas intenções das nossas belas almas, nem na idealidade normativa do que *deve ser*. (LÉVINAS, 2013, p. 11; *apud* LLANSOL, 1985, pp. 81-82)

Às palavras do filósofo francês, Maria Gabriela Llansol acrescenta, na mesma entrada do diário, no interior de uma reflexão sobre este e o livro que: “A minha maior responsabilidade é contribuir para que um livro seja um ser” (LLANSOL, 1985, p. 83). Esta preocupação pelo livro como objeto e como entidade deve ser compreendida em sentido literal: para que serve um livro, como se convive com um livro, como se faz um livro, em suma, o que é um livro no século XX? Um ano depois, em 7 de novembro de 1983, encontra-se esta passagem nos cadernos, uma daquelas passagens que não foram selecionadas então para o diário publicado e que só surgem agora, concretamente no sexto volume dos *Livros de horas*:

Para que se publica um livro?

Para lhe dar uma vida humana?

Para lhe dar uma vida estranha? Ou para dar aos homens uma vida estranha?

(LLANSOL, 2018, p. 26)

A preocupação pela função do livro, pelo seu significado na economia do texto, é transversal a toda a obra. Em *Na casa de Julho e Agosto* (1984), quando a beguina narradora visita a casa do tipógrafo Plantin Moretus, confirma-se esta vontade de conhecer tudo o que possa estar relacionado com o livro:

Devo pernoitar na casa de Plantin, o tipógrafo para nos anos e anos da minha curta estadia na Antuérpia, conhecer como os meus dedos e rendas tudo o que se relaciona com o Livro, incluindo os trabalhos do manuscrito.

(LLANSOL, 2003, pp. 20-31)

Nos cadernos correspondentes aos anos de escrita desta trilogia (1972-1978), vindos a lume no segundo *Livro de horas: Um arco singular*, vemos anotados minuciosamente os vários elementos que o objeto livro transporta consigo ao longo da história das suas mutações (LLANSOL, 2010, pp. 65-66). Já em uma etapa mais adiantada na obra, Llansol organiza o seu livro de ensaios, *O Senhor de Herbais*, em capítulos cujos títulos são, precisamente, o nome dos seus livros, embora estes não sejam aqui tratados diretamente, senão abordados quase como figuras, entidades que, ao lado de outros elementos textuais dos

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

quais estão formados, entram em processo de desconstrução hierárquica em relação aos mesmos⁶. Em *Amigo e amiga: Curso de silêncio*, lê-se:

Paredes meias com outra narrativa,

Disponho-me a informar um livro que ele próprio deve escrever-se. A minha mão hesita na circulação das linhas. Até que se decide. E um caderno irrompe e desenrola-se até bater na costa onde se enterra o mar.

(LLANSOL, 2006, p. 22)

Portanto, longe de ser um elemento meramente depositário do texto contínuo, o livro possui uma significância maior na discussão sobre o futuro do romance/texto no mundo que explora Llansol. O livro “irrompe” de um caderno que, por um conjunto variado de circunstâncias, ganha autonomia dentro da matéria textual ancorada nos muitos cadernos. Como se diz em outro lugar “(...) o livro surge de corpo inteiro, isto é, em corpo humano, sentado a uma mesa, à espera...” (LLANSOL, 2002, p. 110).

É neste sentido que a publicação do que hoje constituem os *Livros de horas* é problemática uma vez que, à primeira vista, parece anular o projeto anterior de cada livro, arrastando-o para a massa disforme da sua criação e aderindo, assim, à abordagem do texto contínuo como de uma escrita visceralmente fragmentária. Analisemos então, sumariamente, a publicação destes *Livros* até a data presente.

Deve-se começar por dizer que estes livros materializam publicamente o desejo expresso em várias das suas páginas, com formulações distintas ao longo dos anos, de dar a conhecer o processo de escrita, mote fundamental que alimenta a constância dos mesmos: “Gostaria de poder ensinar como nasce a escrita; é por isso que tomo estas notas” (LLANSOL, 2018, p. 57). Pese a ser conhecida a vontade de Llansol de publicar cronologicamente os seus muitos cadernos manuscritos, por ela ordenados desde 1974, a edição póstuma não seguiu, taxativamente, essa indicação. Os motivos nem sempre são explícitos, no entanto, o resultado até agora amplia o potencial analítico sobre a obra anterior. Vejamos, primeiro, em que medida não foi cumprida essa instrução inicial e, em seguida, o conteúdo específico de cada volume.

⁶ Tal sugestão aparece no 1^o *Encontro de Estudos Llansolianos*, com a presença da própria autora, e cujas discussões após cada apresentação estão disponíveis na edição que fez o Espaço Llansol *O que é uma figura? Diálogos sobre a obra de Maria Gabriela Llansol na casa da Saudação* (Lisboa: Espaço Llansol/ Mariposa Azul, 2009).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Os três primeiros volumes, cujos subtítulos são da responsabilidade dos organizadores, seguem, efetivamente, o plano traçado por Llansol, que, além dessa organização, deixou também instruções sobre como tratar textos já aparecidos em outros livros. Como já foi citado anteriormente, esta instrução de Llansol nos últimos meses de vida é repetida em todas as edições destes livros até agora, nos quais a primeira parte do texto introdutório é a mesma (apenas com sutis alterações) e a segunda discorre sobre o conteúdo específico de cada um. Nessa primeira parte do texto introdutório, explica-se como as instruções para a publicação dos *Livros de horas* foram então deixadas pela própria Llansol ao organizar o primeiro volume e que os títulos surgidos em seguida são da responsabilidade dos organizadores. Os mesmos prometem não desvirtuar “o carácter de escrita diarística espontânea” (BARRENTO; SANTOS, 2009, p. 11), negando-se rotundamente a “construir sínteses ou totalidades onde elas não existem” (BARRENTO; SANTOS, 2009, p. 11) e evitando toda a espécie de “cirurgias editoriais”. No entanto, o fato é que a ordem cronológica se perde a partir do quarto volume. Enquanto os três primeiros volumes – *Uma data em cada mão* (2009), *Um Arco Singular* (2010) e *Numerosas Linhas* (2013) – transcrevem na referida sequência os cadernos entre 1972 e 1980, abrindo várias luzes sobre o encadeamento de paisagens de figuras nas duas primeiras trilogias, o quarto volume, *A palavra imediata (Os papéis avulsos de Llansol)* (2014a), é presidido por um critério editorial diferente: interrompe-se a transcrição cronológica para organizar um volume composto, como o parêntesis indica, por papéis avulsos encontrados no espólio, assim como da marginália de alguns livros pertencentes à biblioteca. Coloca-se, de imediato, a questão de saber se a publicação de ditos papéis faria parte das intenções da autora, uma vez que, como veremos em outros exemplos, não nos é dada informação sobre essa intenção. Podemos inferir que sim, estaria, uma vez que os organizadores explicam que este, como outros volumes, estava “previsto desde a organização do espólio”, instaurando um critério que agrupa dito núcleo. Tal como em outros casos, esta inclusão póstuma leva à pergunta onde começa e onde acaba a obra. Embora com muita pertinência os editores defendam que:

(...) os cadernos, as agendas, os avulsos, a marginália não são a obra e são já “obra”, e a obra transmuta muitas vezes a escrita original, mas em muitos momentos os dois registos confundem-se, tal é o nível de acabamento fragmentário e intensivo de muitas páginas dos Diários manuscritos, e tão notório o carácter acabado e inteiro, deliberadamente disperso e a fazer-se, dos livros conhecidos de Llansol. (BARRENTO; SANTOS, 2022, p. 14)

Estas palavras, repetidas nas várias introduções, inspiram-se na ideia de que “O livro e a escrita, e não a “obra” e a “literatura”, partem sempre dos múltiplos suportes manuscritos, verdadeiro lugar seminal da escrita de Llansol (...)” (BARRENTO; SANTOS, 2022, p. 13) — o que, pensando com rigor, talvez seja igualmente válido para todos os escritores

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

anteriores ao ano 2000 — e tem como suporte uma frase de Llansol, datada de 3 de janeiro de 1975, no primeiro caderno numerado, e que, curiosamente, a mesma decidiu não incluir no primeiro volume que ela própria organizou: “(...) todos estes textos integram o texto do meu livro. *Livro único*, que aparece publicado em lugares, datas, textos ou volumes diferentes.” (BARRENTO; SANTOS, 2022, p. 14). Portanto, a pergunta sobre se é lícito ou não publicar, assim como em que condições se faria, permanece aberta. Se, por um lado, não nos é dada uma prova empírica do lugar que ocupariam para Llansol estes muitos avulsos⁷, por outro, é sem dúvida um dos volumes mais interessantes, que permite verificar materialmente como “escrever é o duplo de viver”.

Na conhecida reflexão *O que é um autor?*, Michael Foucault fazia a seguinte pergunta, tomando como modelo a obra de F. Nietzsche:

Quando se empreende, por exemplo, a publicação das obras de Nietzsche, onde é que se deve parar? Será com certeza preciso publicar tudo, mas que quer dizer este 'tudo'? Tudo o que o próprio Nietzsche publicou, sem dúvida. Os rascunhos das suas obras? Evidentemente. Os projectos de aforismos? Sim. As emendas, as notas de rodapé? Também. Mas quando, no interior de um caderno de aforismos, se encontra uma referência, uma indicação de um encontro, um recibo de lavanderia, obra ou não? Mas por que não? (FOUCAULT, 1992, p. 38)

Mas se nesta reflexão o pensador francês põe em evidência as dificuldades de limitar uma obra, na sua experiência pessoal deixou clara a resposta ao desafio: apenas um ano depois da publicação de *O que é um autor?* (1983), a morte de Foucault não deixou ninguém com tais dilemas em relação à sua obra — estava bem registrado e esclarecido o que podia, ou não, ser publicado na sua ausência. A questão dos avulsos, aliás, regressa na publicação de um dos últimos volumes, *Escrito nas margens – Livro de horas VIII* (2022), na qual se reúnem vários excertos escritos na marginália de 243 livros dos mais de 2000 que compõem a biblioteca que foi de Llansol e do marido, Augusto Joaquim, com o critério de apresentarem “marginália relevante e frequentemente extensa” (BARRENTO; SANTOS, 2022, p. 19). A organização dos mesmos, à semelhança do que acontecia com *A palavra imediata*, é feita seguindo “tópicos que correspondem à respiração habitual do texto de Llansol” (BARRENTO; SANTOS, 2022, p. 19), que se refletem nas diferentes secções em que se divide o livro e que não pretende, tal como cada um dos volumes anteriores, “uma edição crítica, nem

⁷ Apesar de se referir constantemente à organização completa do espólio, finito por definição, e de se mencionar em vários volumes que o mesmo estava previsto, até agora não se conhece quantos volumes estarão ainda por organizar, fato que pode dever-se a critérios comerciais da própria editora, como também a um certo fetichismo pelo espólio.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

uma transcrição integral de todas as anotações, remissões ou destaques nas margens dos livros” (BARRENTO; SANTOS, 2022, p. 19).

A este critério de ordem material, o volume seguinte veio acrescentar um outro: *O Azul imperfeito. Pessoa em Llansol (1972-2008)* (2015) aparece organizado não por datas nem por suporte, mas por um fio temático — a figura do poeta Fernando Pessoa na escrita de Llansol. Este volume, escapando de novo à famosa ordem cronológica, tem a enorme vantagem de reunir um material extensíssimo e fundamental de uma das figuras mais fortes de Llansol, Aossê, cujo aparecimento explícito só acontece em *Lisboaleipzig* (1994-1995), mas cuja reflexão, leitura, anotação, escrita e reescrita já estão presentes, como se intuía, desde vários anos atrás. As muitas páginas deste volume, que se inicia em 1972 e acompanha a autora até à morte, são de especial relevância, pois permitem compreender o contexto de certos núcleos, assim como o momento em que foram surgindo e as variações que sofreram. Paralelamente, ao estarem reunidos em um único volume, é mais fácil ao estudioso desta figura analisar detalhadamente as leituras realizadas ou as muitas cenas ensaiadas. Poder-se-á perguntar por que este critério, de carácter particularmente útil aos leitores e investigadores de Llansol, só começa a presidir a edição numa fase tão tardia.

Esta metodologia de organização é ainda mantida nos volumes seguintes, embora cruzada com a anterior. *Herbais foi de silêncio* (1980-1985) retoma, inicialmente, o critério cronológico, testemunhando os últimos cinco anos da escritora no estrangeiro, em um dos lugares capitais da sua obra. Herbais, lugar de residência marcado pelo isolamento, pelas poucas relações sociais e pela definição da segunda trilogia, já era, na obra publicada em vida, um lugar próprio da reflexão — aliás, título do seu livro de reflexões por excelência, *O Senhor de Herbais* (2002). Portanto, de certa forma talvez não intencional, cruzam-se aqui os dois critérios anteriores, por um lado, a sequência temporal dos dias e, por outro, o vetor temático. A segunda parte deste volume é preenchida por “dois outros núcleos que acolhem a escrita preparatória do Livro de Uriel (que não chegou a sê-lo) e do Livro de Joshua-Hölder, que desemboca em Holder, de Holderlin (BARRENTO; SANTOS, 2018b, p. 15).

Já em 2020, veio a lume o sétimo volume, retomando o que apelidamos de critério semântico, com *O Sonho é um Grande Escritor*, tendo como eixo a “escrita assumidamente onírica da autora, um conjunto de “inquéritos oníricos” permanentes, espelho de uma ‘sismografia íntima” (BARRENTO; SANTOS, 2020, p. 15) que, segundo se informa na introdução, estava previsto desde os inícios da organização do espólio e que reúne material organizado em três núcleos. O primeiro datado entre 1969 e 1989, onde se encontram registos que Llansol fez sob aconselhamento do psicanalista Francis Goerts, em Lovaina; um segundo entre 1990 e 1999, onde, à semelhança da grande maioria do núcleo anterior, os

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

sonhos surgem dispersos por vários materiais de escrita e um terceiro, a partir do ano 2000, ano em que a autora criou um “caderno de sonhos” especificamente concebido para registrar este tipo de experiências.

Por último, o nono livro conhecido desta série, *Um conjunto de espirais* (2023), vem retomar a ordem diarística, agora em Portugal. O diário inicia a 3 de janeiro de 1985, um dia depois da mudança definitiva para Portugal, e abarca cinco anos, até dezembro de 1990. Neste período, assistimos à gênese de *Um beijo dado mais tarde* e *O raio sobre o lápis*, ambos de 1990, acompanhamos a mudança da casa de Domingos Sequeira para Colares, assim como a participação da escritora no encontro de escritores portugueses em Paris, Les Belles Étrangères, em novembro de 1988. Desse encontro em Paris, na companhia de Eduardo Lourenço e Vergílio Ferreira, a escritora deixou a imprensa portuguesa profundamente impressionada com duas intervenções que mais tarde se incluíram em *Lisboaleipzig I*. Enquanto que o tempo de *Herbais* ficou marcado por um profundo isolamento, uma “indefinição” no tempo e no espaço, como assinala Rita Taborda Duarte (2019, p. 206), os primeiros anos em Portugal permitem o contato direto e mais frequente com o meio literário, um misto de alegria e estupefação. Não que Maria Gabriela fosse uma escritora que cedesse ao mediatismo dos espaços institucionais próprios do meio literário, mas, sem dúvida, o contato direto com leitores e críticos em sessões de apresentação de livros ou entrega de prêmios era desejada pela escritora que viveu tantos anos longe. No entanto, se, em *Herbais*, na ausência de leitores, Llansol temia que “Escrever é um interminável rio, como quem fosse deixando-me ficar” (LLANSOL, 2018, p. 39), após o regresso do encontro em Paris, a autora registra:

Depois de *Belles Étrangères*, mais do que nunca desejo escrever vivendo, ou seja, desejo passar o meu silêncio a escrever, para que ele seja ouvido, quando já não houver silêncio nem contemplação que me atinjam. O anfiteatro era vazio, vazio de vazio; existia no tempo, num lugar, mas não tinha um eixo fixo no bico em gume do falcão que o segurasse. (LLANSOL, 2023, pp. 216-217)

Sofre, portanto, do contraste com a experiência anterior. Mas esse contraste permite-lhe refletir ainda mais na experiência diarística. Em uma entrada com o título “Os diários múltiplos”, em dezembro de 1988, lê-se: “Não poderei nem saberei talvez escrever mais livros divididos, mas criar volumes consanguíneos de diários múltiplos que avancem, recuem, se interpenetrem, tenham pujança e sejam regidos pelas leis de sangue” (2023, p. 226). Registra-se, portanto, o desejo de manter a linha dos diários já publicados e que os volumes seguintes mantenham essa relação visceral de constante interrogação que os mesmos convocam. Já a princípios de 1990, fala-se:

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

(...) da necessidade imperiosa de voltar a Herbais, de trabalhar os diários relativos a essa época. Completá-los com a minha experiência actual. A experiência é uma situação constante de perigo, mas o verde herbaisiano era uma base de sustentação inflexível. Gostaria de me fechar na casa de Colares para uma experiência semelhante à de Herbais, a de ter fé na esperança contra o temor. (LLANSOL, 2023, p. 312)

Em suma, pelo conhecido até hoje, a relação com registos diários sofre diferentes oscilações, não imunes às contradições próprias do processo criativo. No caso de Llansol, esse processo não se pode separar taxativamente do processo de reflexão, já que os registos diarísticos e os livros se interpenetram mutuamente. Nota-se que a forma de entrada no diário está muito presente nos livros da década de noventa, tendo como caso paradigmático o primeiro volume de *Lisboaleipzig*.

Por outro lado, apesar das alterações realizadas no projeto que inicialmente se anunciou da edição dos *Livros de horas*, é bastante evidente, com distintas matizes, o desejo de materialização em livro desses muitos registos. Em setembro de 2009, pouco antes da publicação do primeiro volume, João Barrento publica no *Colóquio Letras* algumas páginas dos diários passados à máquina por Llansol, com um texto introdutório de duas páginas, cujo título parece premonitório desse projeto *Entre o murmúrio e o ouvido. Llansol e o diário interminável*. As páginas publicadas estariam organizadas por Llansol em um “Diário” com o título *Os Extremos Confundem* em dois volumes: *Seguindo o Olhar* título do primeiro volume, e *Numerosas Linhas*, título do segundo volume. O segundo título, como sabemos, passou para o terceiro volume. De acordo com Barrento (2009, pp. 159-160):

A natureza constitutivamente fragmentária, não narrativa e não sequencial, desta escrita leva a que não haja diferenças essenciais entre o “depósito” - de impressões, imagens, visões, leituras - dos cadernos e o rizoma dos livros. A escrita é una e diversa, uma forma de “absorver a experiência do tempo”, de todos os tempos, tonalidades e gradações da experiência sem limites de uma autora de registos múltiplos, em mutação permanente, sempre diferentes e muito afins (...).

Visto de fora, não pode ser fácil a tarefa desta organização do espólio. São demasiados materiais, em distintos suportes, cuja ordem temporal nem sempre é discernível. Se nem sempre é possível seguir ordem cronológica, também não parece viável a escolha em torno apenas a núcleos temáticos. Esta segunda opção implicaria ainda mais a questão de perceber se esses fios semânticos estariam na intenção da autora. Os *Livros de horas* ainda estão no ano de 1990, faltando, portanto, o que resta de cadernos em quase duas décadas. Parece, na leitura deste último volume, cada vez mais evidente a ideia de um “tempo contínuo”: “Suprimir os espaços dá o tempo contínuo – o tempo contínuo é aquele em que escrevo. A única pulsão que faz sentar-me tranquila é a da escrita, a arte de harmonizar o movimento” (LLANSOL, 2023, p. 312). O tempo não corresponde, *ipsis verbis*, a um livro.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

OS LIVROS AS CERTAS HORAS

Em 1984, Miguel Esteves Cardoso faz uma resenha de *Causa Amante*, para a *Revista de Livros do Diário de Notícias*, assinalando o seguinte: “Maria Gabriela Llansol escreve bem, às vezes muito bem, e só aqui e ali, menos mal; (...) mas tudo isto é pouco, não chega e por fim condena o romance a ser apenas um livro – de apontamentos” (CARDOSO, 1984). Cardoso argumenta que o problema principal reside na “trágica indefinição” em que terá caído o romance português, e acredita que um bom editor, que “ponha na linha” a autora, selecionando e editando corretamente o seu “livro de apontamentos”, dará melhores resultados no futuro. Sem querer discutir a posição de Miguel Esteves Cardoso, seria curioso perguntar que teria pensado se soubesse que *Causa Amante*, assim como vários livros de Llansol, é fruto de mais de dez anos de reflexão, escrita, seleção, reescrita, apesar de só produzirem o que crítico chamou de “pobre edição”.

É provável que muitos leitores iniciantes de Llansol tenham a mesma ideia, uma vez que o seu texto se afasta dos paradigmas convencionais e o que, à primeira vista, pode parecer um trabalho descuidado é, na verdade, fruto de um apurado esforço de estudo. Um trabalho que caminha sobre uma técnica de epifania e de presença, que foge constantemente das linhas narrativas e procura esquivar-se de contar uma história (embora nunca se liberte totalmente disso), para dar a ver uma dobra, um instante, um brilho da língua. Essa fuga ao realismo, como a autora denominou no primeiro diário, assenta sobretudo na anulação das balizas temporais, através da sobreposição das mesmas, como se explica em *O Senhor de Herbais*: “Eu desejava espaços amplos, um lugar compósito de funções que, todas juntas, quebrassem o tempo. Sedimentos de várias épocas que, em vez de soterrados, estivessem ao mesmo nível, à vista desarmada, desdizendo-se uns aos outros.” (LLANSOL, 2002, pp. 23-24). Ora, esta sobreposição que começou por ensaiar-se em épocas – as beguinas do século XIII com Nietzsche do século XIX, por exemplo – era dominante no tempo das trilógicas. É sobretudo a partir de *Um beijo dado mais tarde* e *Lisboaleipzig*, que esta sobreposição inclui os referentes históricos e os referentes biográficos, quotidianos da vida da escritora, numa linha conduzida entre o estudo e o espanto.

Em *Ideia de prosa*, Giorgio Agamben, a partir da etimologia e da raiz hebraica de “estudo”, traça um paralelismo entre estudo e espanto:

A etimologia da palavra *studium* torna-se então transparente. Ela remonta a uma raiz st- ou sp-, que designa o embate, o choque. Estudo e espanto (*studiare* e *stupire*) são, pois, aparentados neste sentido: aquele que estuda encontra-se no estado de quem recebeu um choque e fica estupefacto diante daquilo que o tocou, incapaz, tanto de levar as coisas até ao fim, como se libertar delas. Aquele que estuda fica, portanto, sempre um pouco estúpido, atarantado. (AGAMBEN, 1999, p. 53)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ao lermos agora os muitos cadernos, papéis, apontamentos em diferentes suportes que vão compondo os *Livros de horas*, comprovamos que a escrita de Llansol é fruto de um estudo apurado sobre a própria escrita. Este estudo, palavra que de resto Llansol usa frequentemente, no seu afã autodidata à volta de livros de história, ficção e filosofia, corresponde à vontade de reconfigurar o copista da Idade Média. Para Llansol, esse era o tempo em que “ler um texto era comentá-lo... a ideia de que um texto é para um uso, faz-me evocar o meu próprio corpo, e a sensualidade do entendimento” (LLANSOL, 1985, p. 45). Tal como para Walter Benjamin, o copiar manuscrito de um texto, que em Llansol é usual, tanto com textos seus como de outros, é deixar-se comandar por ele, é conhecer os interstícios e as nuances que a mera leitura sem esse contacto físico, corporal, não permite (BENJAMIN, 2004, p. 14). Esta dimensão corporal da escrita, ela própria fruto de longa reflexão, é particularmente visível no que se refere aos seus próprios textos. Já nos diários, Llansol copiava excertos de outros livros, publicados e por publicar, de forma a estudá-los compenetradamente. A função da autocitação cumpre o objetivo de esmiuçar, até ao delírio do espanto, a sua própria escrita. É esse exercício demorado, constante, repetitivo, de vocação interminável que ilumina o longo texto de Llansol.

É igualmente esse exercício que vai esculpindo a partir da história a ideia de memória coletiva. Como frisou Susan Sontag, em sentido estrito, a memória é sempre individual. O que denominamos memória coletiva é um conjunto de eventos históricos que, sob a égide de diferentes matizes ideológicos, se entende como património comum a uma dada população, a memória coletiva é uma forma de perceber a história compreendida como essencial para o presente (SONTAG, 2010). Se, no início, o texto de Llansol lança âncora a certos eventos históricos decisivos da Europa, essa ancoragem é estratégica para construir uma memória comum à comunidade. A memória da usurpação, da violência, da injustiça dos diferentes poderes. No entanto, essa memória é um resguardar seletivo de sentimentos e sedimentos comuns aos que sofreram e sobreviveram aos diferentes eventos, que por isso remetem, inexoravelmente, para o mesmo:

A escrita
era as vozes
em coro
dos 30 mil camponeses
que depois de abolirem os juízes
se dirigem para o massacre de Frankenhusen
e cujas pegadas ficaram perdidas no deserto.
(LLANSOL, 1999, p. 42)

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

Esta batalha que será motivo central de *A restante vida* (1981) é recuperada e invocada em diferentes pontos da obra, exatamente porque as linhagens que se vão formando, arrastando nomes e referências de tantas épocas – Suso, Copérnico, Pessoa, Jorge de Sena, Isabel de Portugal, Musil, dentre outros –, é paulatinamente reconvertida em memória de todas as figuras. Ou, dito de outra forma: é a construção desta memória do possível, diante do que historicamente se perdeu, que seleciona as personagens históricas para as converter em figuras. Esta reverberação exaustiva do referente histórico, através do estudo da própria escrita, é o que torna o texto de Llansol verdadeiramente radical dentro da literatura portuguesa: ela procura, insistentemente, através de cada frase, escrevendo-a e reescrevendo-a incessantemente, uma nova raiz onde ancorar o romance no seu tempo.

Paralelamente, vemos como, ao longo dos anos, a escrita dos cadernos se vai misturando, de forma quase inadvertida pela própria, com os registros diarísticos, quando os livros começam a ser habitados por gatos, cães, árvores e lugares da própria vivência da escritora, momento em que se compreende que “Escrever é o duplo de viver”. Este movimento de desearquização temporal, emparelhando tempos e noções distantes, é o que mais testemunha a hospitalidade ao futuro, à criação de um universo textual que nos permita desfazer-nos das várias convenções sociais que a História nos deixou como legado e reaprender o mundo fora dos livros. Por essa razão se afirma em *Da sebe ao ser*: “Eu vim aqui para me esquecer de como se contam histórias e se constroem narrativas, porque recorrer sempre essa escrita enfraquece a vigilância da memória e a apaga a imaginação do espírito.” (LLANSOL, 1988, p. 68).

CONCLUSÕES

A publicação da série *Livros de horas*, composta a partir de inúmeros e variados materiais do espólio de Maria Gabriela Llansol, não se limita a uma mera publicação dos “diários”, como se pode supor. Os próprios *Livros* dão conta de diferentes intenções da publicação de volumes que prosseguissem com a lógica “sanguínea” daqueles publicados em vida, no entanto, por motivos diversos, isso não acontece. Não é muito claro, nas edições já disponíveis, se as opções tomadas, seja alterando o critério para um fio temático – como nos volumes V e VII –, seja por um critério de suporte dos materiais de escrita – como nos volumes IV e VIII –, estariam nas intenções da autora e que consequências têm no conjunto da obra. Sem qualquer dúvida, elas aproximam leitores e investigadores de uma forma mais imediata, além de intensificar, pela seleção de vários suportes, a relação visceral que a autora mantinha com o ato de escrever. Para o leitor pouco familiarizado com os textos de Llansol, estas alterações à ordem temporal – única possível, neste caso – podem aumentar ainda mais a

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

estranheza. No entanto, a escolha recorrente da autora pelo “texto” em vez do romance⁸ conduz-nos a uma dimensão mais orgânica da literatura, à sua raiz no tecido, e por conseguinte, nas plantas – tão importantes nos seus livros. No ensaio “Procurar uma frase”, Pierri Alferi defende o seguinte:

A literatura instala uma voz. Na clareza da impressão, as frases inventadas podem ligar-se numa cadeia discursiva, mas também numa tessitura formal. A amplitude das variações de forma, o espectro das possibilidades sintáticas efectivamente exploradas num conjunto finito de frases são eles próprios finitos e, se esta limitação recorre a uma necessidade interna, ela é a da tessitura da voz. (ALFERI, 1999, p. 54)

De certa forma, cada livro de Llansol e cada volume destes *Livros de Horas* ressoa mais a presença e a luminosidade de uma frase – uma passagem, um parágrafo, uma epifania – do que o conjunto sequencial do mesmo. Isso porque, seguindo Alferi, “a coerência minimal de um texto, a sua mais livre unidade, não vem do discurso, mas da voz” (1999, pp. 53-54). Neste sentido, podemos dizer que esse “murmúrio” que registrava Llansol em 1980 foi crescendo em volume e em expressão até onde nós, leitores e/ou legentes, sejamos capazes de ouvir ou de ler, mesmo que nem sempre seja fácil. Já que “ler é ser chamado a um combate, a um drama.” (LLANSOL, 2000). E ainda bem.

Referências

AGAMBEN, G. **Ideia de Prosa**. Tradução de João Barrento. Lisboa: Cotovia, 1999.

ALFERI, P. **Procurar uma frase**. Tradução de Maria Teresa Cruz. Lisboa: Vega, 1999.

BARRENTO, J. **Llansoliana II**: Bibliografia comentada. Colares: Espaço Llansol - Associação de Estudos Llansolianos, 2007.

BARRENTO, J. Entre o murmúrio e o ouvido. Llansol e o diário interminável. **Colóquio/Letras**, n. 172, pp. 159–171, setembro de 2009.

⁸ Essa reflexão acompanha boa parte da obra e é particularmente expressiva no texto de aceitação do Prémio APE 1991, que é incluído no conjunto Ofereço-vos estes Textos, em Lisboa/leipzig I (LLANSOL, 2014b).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

BARRENTO, J.; SANTOS, M. E. Introdução. As Horas de Llansol. *In*: LLANSOL, M. G. **Uma Data em Cada Mão**: Livro das Horas I (Lovaina e Jodoigne, 1972-1977). Lisboa: Assírio e Alvim, 2009, pp. 9-16.

BARRENTO, J.; SANTOS, M. E. **Llansoliana**: Bibliografia Activa e Passiva (1952-2018). Lisboa: Mariposa Azul, 2018a.

BARRENTO, J.; SANTOS, M. E. Introdução: As horas de Llansol (VI). *In*: LLANSOL, M. G. (Ed.). **Herbais foi de silêncio**: Livro das horas VI (Herbais-Mucifal, 1980-1985). Lisboa: Assírio e Alvim, 2018b, pp. 9-19.

BARRENTO, J.; SANTOS, M. E. (Ed.). Introdução. *In*: LLANSOL, M. G. (Ed.). **O sonho é um grande escritor**: Livro de horas VII. Lisboa: Assírio e Alvim, 2020.

BARRENTO, J.; SANTOS, M. E. Escrito nas margens. *In*: LLANSOL, M. G. (Ed.). **Escrito nas Margens**: Livro de horas VIII. Lisboa: Assírio e Alvim, 2022, pp. 11-21.

BENJAMIN, W. **Imagens do Pensamento**. Tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

CARDOSO, M. E. Recensão Causa Amante. **Diário de Notícias**, 8 de abril de 1984.

COELHO, E. P. **Maria Gabriela Llansol**: o texto equidistante. *In*: COELHO, E. P. (Ed.). *A mecânica dos fluidos: A noite do mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2012, pp. 425-431.

DUARTE, R. T. A leitura com propriedades líquidas. **Colóquio/Letras**, n. 202, pp. 203-210, setembro de 2019.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

EIRAS, P. **Maria Gabriela Llansol**: Lisboa/leipzig. *In*: Esquecer Fausto: A fragmentação do sujeito em Raul Brandão, Fernando Pessoa, Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol. Porto: Campo das Letras, 2005, pp. 533-677.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3ª edição. Lisboa: Vega, 1992.

JOAQUIM, A. Conversação espiritual. *In*: JOAQUIM, A. **Finita**. 2ª edição. Lisboa: Assírio e Alvim, 2005, pp. 235-242.

LÉVINAS, E. **Ética e Infinito**. Tradução de João Gama. [S. L.]: Edições 70, 2013.

LLANSOL, M. G. **Um falcão no punho**: Diário 1. Lisboa: Rolim, 1985.

LLANSOL, M. G. **Da sebe ao ser**. Lisboa: Rolim, 1988.

LLANSOL, M. G. **O Livro das Comunidades**. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

LLANSOL, M. G. **Onde vais Drama-Poesia?** Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

LLANSOL, M. G. **O Senhor de Herbais**: Breves ensaios literários sobre a reprodução estética do mundo, e suas tentações. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.

LLANSOL, M. G. **Na casa de Julho e Agosto**. Lisboa: Relógio D'Água, 2003.

LLANSOL, M. G. **Amigo e Amiga**: curso de silêncio. Lisboa: Assírio e Alvim, 2006.

LLANSOL, M. G. **Uma Data em Cada Mão**: - Livro de Horas I (Lovaina e Jodoigne, 1972-1977). Lisboa: Assírio e Alvim, 2009.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

LLANSOL, M. G. **Um Arco Singular**: Livro de Horas II (Jodoigne, 1977-1978). Lisboa: Assírio e Alvim, 2010.

LLANSOL, M. G. **Numerosas Linhas**: Livro de Horas III (Jodoigne-Herbais, 1979-1980). Lisboa: Assírio e Alvim, 2013.

LLANSOL, M. G. **A Palavra Imediata**: Livro de Horas IV. Lisboa: Assírio e Alvim, 2014a.

LLANSOL, M. G. Para que o romance não morra. *In*: LLANSOL, M. G. (org.). **Lisboaleipzig**: O encontro inesperado do diverso, O ensaio de música. Lisboa: Assírio e Alvim, 2014b, pp. 125-131.

LLANSOL, M. G. **O Azul Imperfeito**: Livro de Horas V (Pessoa em Llansol, 1976-2006). Lisboa: Assírio e Alvim, 2015.

LLANSOL, M. G. **Herbais foi de Silêncio**: Livro de Horas VI (Herbais-Mucifal, 1980-1985). Lisboa: Assírio e Alvim, 2018.

LLANSOL, M. G. **O sonho é um grande escritor**: Livro de Horas VII. Lisboa: Assírio e Alvim, 2020.

LLANSOL, M. G. **Escrito nas Margens**: Livro de Horas VIII. Lisboa: Assírio e Alvim, 2022.

LLANSOL, M. G. **Um Conjunto de Espirais**: Livro de Horas IX. Lisboa: Assírio e Alvim, 2023.

SONTAG, S. **Ante el dolor de los demás**. Tradução de Aurelio Major. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2010.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

THE HOURS AND BOOKS IN MARIA GABRIELA LLANSOL: (RE)WRITTEN FROM A FUTURE MEMORY

Ana Rita Sousa

Universidade de Bucareste/CHAM-FCSH

(ana-rita.sousa@lils.unibuc.ro)

ABSTRACT

The work of Maria Gabriela Llansol (1931-2008) stands out in Portuguese literature for the luminous uniqueness of her “non-existing reals” but also for the exhaustive work of rewriting her texts - fact that has granted her works the adjective “hermetic”. Far from an inextricable hermeticism, Llansol’s writing owes much to the hard work of editing and rewriting that is now most evident by the posthumous publication of the *Livros de Horas*, and which is constantly ignored by criticism. In this sense, this article intends, in the first part, to question and reflect upon the place of these books in the general economy of the *Llansolian* work, relating their apparently diaristic form with the conception of diary in Llansol’s writing, in order to, in a second subsequent part, develop the argument of how the act of rewriting is the generator of the intersection between intimate memory and collective memory, using the reflections of Giorgio Agamben, Walter Benjamin and Susan Sontag, as well as the author’s critical fortune.

Keywords: Writing; Re(writing); Notebook; Book; Diary.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------

LAS HORAS E LOS LIBROS EN MARIA GABRIELA LLANSOL: (RE)ESCRITURAS DE UNA MEMORIA FUTURA

Ana Rita Sousa

Universidade de Bucareste/CHAM-FCSH

ana-rita.sousa@lls.unibuc.ro

RESUMEN

La obra de Maria Gabriela Llansol (1931-2008) ha ganado relieve en la literatura portuguesa no solo debido a la singularidad luminosa de sus “reales no existentes” sino también por el trabajo exhaustivo de reescritura de sus textos – dato que ha incentivado a clasificarla como una escritora hermética. Lejos de un hermetismo inextricable, la escritura de Llansol debe mucho a su elaborado trabajo de edición y reescritura, que hoy se hace más evidente por la publicación postuma de sus *Livros de Horas*, y que sucesivamente es ignorado por la crítica. Así, este artículo propone, en una primera parte, cuestionar y reflexionar sobre el lugar de estos libros en la economía general de la obra *llansoliana*, relacionando su forma de apariencia diarística con la propia concepción de diario pensada por Llansol, para, en una segunda parte, desarrollar el argumento de como el acto de reescritura es el motor del cruce entre memoria íntima y colectiva, utilizando las reflexiones de Giorgio Agamben, Walter Benjamin y Susan Sontag, así como la fortuna crítica de la autora.

Palabras-clave: Escritura; Re(escribir); Cuaderno; Libro; Diario.

Recebido em: 16/08/2024

Aceito em: 18/09/2024

Publicado em: 08/03/2025

Página 25

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-25
----------------------------	-------------	-------	------	------